

Frederico de Mello Brandão **TAVARES**
Universidade Tuiuti do Paraná – Curitiba, Brasil

A especialização jornalística como teoria e objeto: contornos e limites

La especialización periodística como
teoría y objeto: contornos y límites

Journalistic expertise as a theory
and an object: contours and limits

Recebido em: 15 out. 2011

Aceito em: 03 mar. 2012

Doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, com período sanduíche na Universidad Rey Juan Carlos, Espanha; bacharel e mestre em Comunicação Social pela UFMG e professor do PPG em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Contato: fredericombtavares@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo pretende realizar uma revisão bibliográfica que cruza autores que têm tratado do jornalismo especializado como prática e como campo de saber. Por meio de uma visada histórica e conceitual, busca-se situar essa área temática a partir de estudos originalmente jornalísticos, cruzando e relacionando perspectivas teóricas a partir de suas regularidades e diálogos. O percurso do texto orienta-se pelo levantamento de nomes que se destacam no tratamento da especialização jornalística a fim de dar visibilidade a ideias pouco trabalhadas no contexto brasileiro, bem como organizar suas contribuições e indicar possíveis lacunas ou limites que as constituem. Neste caminho, aponta-se para a formatação e disciplinarização do jornalismo especializado, alcançando-se, por fim, propositivamente, uma breve reflexão sobre a relação da especialização jornalística com as noções de conhecimento e singularidade.

Palavras-chave: jornalismo especializado; conhecimento; singularidade.

RESUMEN

Este artículo pretende realizar una revisión bibliográfica a través de un cruce de autores que han abordado el periodismo especializado como práctica y como un campo de conocimiento. A través de una visada histórica y conceptual, trata de situar este tema desde estudios de la periodística, relacionando perspectivas teóricas a partir de sus regularidades y diálogos. La ruta del texto está guiada por el estudio de autores que se han destacado en el tratamiento de la especialización periodística con el fin de dar visibilidad a algunas ideas poco discutidas en el contexto brasileño, así como organizar sus contribuciones e indicar las posibles deficiencias o límites que las constituyen. De esta manera, señala la estructuración de la disciplina del periodismo especializado, llegando, finalmente, a una pequeña reflexión sobre la relación de la especialización periodística con las nociones de conocimiento y singularidad.

Palabras clave: periodismo especializado; conocimiento; singularidad.

ABSTRACT

This article proposes a literature review that encompasses authors who have approached the specialized journalism as a practice and as a field of knowledge. Through a historical and conceptual view, there is an intention to situate this thematic area from originally journalistic studies, then crossing and linking theoretical perspectives from their regularities and dialogues. The route of the text is guided by the finding of names that stand out in the treatment of a journalistic expertise in order to give visibility to some ideas not so worked in the Brazilian context, as well as to organize their contributions and indicate possible gaps or limits that constitute them. In this way, there is a trend to a formatting and discipline of a specialized journalism. Finally, it is possible to reach a brief reflection on the relation between journalistic expertise and notions of knowledge and uniqueness.

Keywords: specialized journalism; knowledge; uniqueness.

Jornalismo especializado e as (de)limitações conceituais de uma prática

Os autores considerados pioneiros dos estudos em jornalismo especializado na Espanha, Pedro Orive e Concha Fagoaga, afirmavam, em meados da década de 1970, que caberia à especialização jornalística diagnosticar os problemas da sociedade atual segundo certa área de interesse, discutindo possíveis soluções e servindo para formar nos leitores (o foco era a imprensa escrita) uma consciência crítica. A presença do jornalista na sociedade, diziam: “plantea problemas de interpretación sociológica, moral o filosófica, de igual manera que la presencia de los medios plantean problemas de técnica, estilo o estética” (ORIVE; FAGOAGA, 1974: 65).

Na concepção dos autores, a especialização – ou a “expertización con universalidad” – poderia ser não apenas uma “coluna vertebral” para um novo jornalismo que servisse melhor aos interesses da sociedade, mas também um espaço fundante de uma nova concepção de empresa informativa. “[...] los ‘especialistas’ incrementan el poder de filtración en la actualidad y consiguen una capacidad peculiar de negociación con las fuentes, ignoradas ambas hasta ahora, abriendo consecuentemente insospechadas fronteras a la información” (ORIVE; FAGOAGA, 1974: 76, grifos dos autores).

Cerca de 30 anos depois, Seijas Candelas, também na Espanha, segue por raciocínio próximo ao definir a especialização:

[...] como aquella estructura que analiza la realidad, proporcionando a los receptores una visión del mundo lo más acabada posible, acomodando el lenguaje utilizado al nivel propio de la audiencia del medio y profundizando en los intereses y necesidades de dicha audiencia. Se trata, en definitiva de un servicio a la sociedad, basado en el continuo reflejo de los diferentes estados de la opinión pública (CANDELAS, 2003: 59).

No Brasil, Juarez Bahia (2009) situa o jornalismo especializado no âmbito do cotidiano, relacionando-o a diversas esferas e apontando-o como uma “necessidade social”, sendo fundamental para o “próprio desenvolvimento das relações em sociedade”. “É uma técnica de tratamento da notícia que se aperfeiçoa paralelamente à evolução dos meios de produção, das tecnologias industriais e comerciais, das aquisições culturais, das pesquisas e experiências científicas” (BAHIA, 2009: 235).

Na França, Dominique Marchetti (2002), baseia-se na lógica de que o jornalismo especializado, como um sub-campo no interior do jornalismo, não pode, assim como esse, ser visto senão em contato tensionado com outros campos sociais.

Une analyse comparative des sous-espaces spécialisés composant le champ journalistique paraît donc probablement d'autant plus indispensable aujourd'hui que ce qui est appelé trop facilement "journalisme", "presse" ou "médias" renvoie à des logiques de plus en plus diverses en termes de production et de consommation. Pour autant, ce serait une erreur de construire l'étude des sous-champs spécialisés de production d'information comme autant d'objets autonomes et de reprendre, du même coup, les taxinomies des journalistes eux-mêmes. Il faut donc croiser les logiques spécifiques de ces sous-champs avec des logiques externes: les logiques des rédactions ou des types de médias qui constituent, elles aussi, des espaces relationnels, celles du champ journalistique dans son ensemble et enfin celles des espaces sociaux qui sont médiatisés. Cela ne pouvait pas être l'objet de ce work in progress (MARCHETTI, 2002 : 51).

Tal visão, segundo Erik Neveu, Rémy Rieffel e Denis Ruellan (2002:13), implica em pensarmos “de façon relationnelle les spécialités journalistiques et, par là, la carte du journalisme, c'est encore s'interroger sur la manière dont émergent et s'institutionnalisent des spécialisations”.

Se tomarmos as proposições acima é interessante observar um movimento. Seja de um ponto de vista mais “aplicado”, seja de um ponto de vista mais “reflexivo”, todas elas colocam o jornalismo face a sociedade e o jornalismo face a si mesmo. A especialização jornalística ou o jornalismo especializado, consideradas suas diferenças e aproximações terminológicas, são perspectivadas segundo sua relação intrínseca com um jogo histórico de tensionamento entre os campos sociais e a prática jornalística, bem como segundo demandas resultantes dessa mesma tensão forjadas no interior do próprio campo jornalístico e de suas teorias. Algo que, ao mesmo tempo em que configura a necessidade de uma delimitação, confere a esta certas incompletudes.

Com base nesse cenário, este texto se propõe a realizar um apanhado bibliográfico sobre o jornalismo especializado, cruzando autores que tratam tal jornalismo como objeto. Mais especificamente, sem entrar nas discussões de referências que lidam com suas variações temáticas (jornalismo econômico, esportivo etc) e/ou midiáticas (jornalismo televisivo, radiofônico etc), busca-se dar visibilidade a algumas reflexões que constroem, academicamente, um patrimônio teórico sobre o tema. Além disso, por meio de cruzamentos e acréscimos, propõe-se a organizar e ampliar este

debate, refletindo sobre a singularidade do jornalismo e como esta pode interpenetrar epistemologicamente o chamado campo teórico do jornalismo especializado, caracterizando o jornalismo para o qual ele se volta e o tensionando às chamadas “Teorias do Jornalismo”. Do conjunto de tais objetivos, que identifica contornos e limites teóricos, pretende-se contribuir para a discussão acerca da especificidade conceitual da especialização jornalística e, conseqüentemente, para uma reflexão sobre o papel desta prática em permanente relação com a vida social.

Marcações históricas: da prática à teoria

Apesar de afirmações como a de que a especialização é prática tão antiga quanto a própria imprensa (BAHIA, 2009), sua marcação histórica está ligada ao século XX, justamente por ser este o século de sua incorporação a uma lógica jornalística profissional.

Confirmando tal datação, Berganza Conde (2005: 48) relembra Thomas Schudson (1978) para falar da existência de uma incipiente especialização na década de 1920 nos Estados Unidos¹, “momento en que surgieron los primeros periodistas especialistas em agricultura, ciencia y trabajo. Como publicación paradigmática se encuentra la revista Time, nacida en 1923”. Com o “padrão Time” abriu-se espaço, no início do século XX, para um jornalismo de interpretação, que será consolidado a partir dos anos 1950.

Segundo Orive e Fagoaga (1974) e Fernández Obregón (1998), o jornalismo especializado será – efetivamente – datado no período pós década de 1950, quando entra em vigor um jornalismo mais explicativo, em detrimento de outros modelos mais informativos ou opinativos (ideológicos), presentes nas décadas anteriores (BENITO, 1973; ERBOLATO, 2002; LLANO, 2008; MARTÍNEZ ALBERTOS, 1968). Em virtude de uma maior concorrência entre os meios impressos e eletrônicos e a instauração de um novo contexto na apuração e veiculação noticiosa, é nessa etapa que se encontra um ambiente propício para a especialização dos profissionais, “por lo que de

¹ Berganza Conde (2005) vai ainda a período anterior a esse momento, no final do século XIX, lembrando o projeto da publicação chamada Thought News, elaborado por três jornalistas e acadêmicos (Robert Park, Ford e John Dewey), cujo mote seria o de um jornalismo que fosse mais além “de las meras apariencias y a través del cual los lectores pudieran comprender mejor el significado de los acontecimientos” (BERGANZA CONDE, 2005, p. 49). Tal periódico centrar-se-ia nas “grandes notícias”, que cobririam as tendências durante um período amplo (o presente em sentido ampliado), em vez de apenas relatar aquilo que está acontecendo isoladamente.

interpretación y profundidad subyace en este nuevo tratamiento de la actualidad” (ORIVE; FAGOAGA, 1974: 66).

Antes, o jornalismo impresso – principalmente o diário² – falava de forma especializada sobre o mundo, mas dentro de uma lógica que se apoiava, basicamente, em dois preceitos: o da cobertura sobre os fatos e o do texto de “informação pura”³. Com a consolidação do rádio e a chegada da televisão, aponta-se para o nascimento de uma crise cujo ápice está associado ao final da década de 1960 e início da década de 1970 (TAVARES, 2009). Além de questões externas (crise econômica, crise do papel, crise de distribuição da imprensa) “que marcaram o período, a disputa por anunciantes entre os meios, a crise de credibilidade informativa (culminada, anos depois, com o escândalo de Watergate nos Estados Unidos), a adequação a novos públicos e a necessidade por uma virada textual, fizeram-se presentes” (TAVARES, 2009: 3). E neste ambiente é que, definitivamente, como apontam Berganza Conde (2005), Fernández del Moral e Esteve Ramírez (1996) e Quesada Pérez (1998), entra em cena a especialização jornalística tal qual hoje conhecemos.

Amparo Tuñon (1993) explica esses fatores como ligados a um “cambio de paradigma” na sociedade, onde o jornalismo e os novos meios (as novas tecnologias) viram-se implicados:

El cambio de paradigma que implica el paso de una información general a una información especializada se inscribe, en sus aspectos fundamentales, en la superación de la era de la cultura de masas, propia de la sociedad industrial, para pasar a una época en que conviven y coexisten diversas formas de vida y diferentes modelos comunicativos. Los medios de comunicación de masas buscaban un público amplio, disperso y heterogéneo. Los nuevos medios electrónicos se ajustan a audiencias selectivas y segmentadas (TUÑON, 1993: 77 - 78)⁴.

² Historicamente, a revista impressa sempre foi considerada um jornalismo “mais especializado”. Não apenas por dedicar-se a temas gerais e menos noticiosos, como por também voltar-se para públicos demarcados. Entretanto, apesar de já nascerem especializadas (SCALZO, 2004: 19), é somente a partir da segunda metade do século passado que se observa o crescimento das ditas revistas segmentadas (MIRA, 1999) e, nesse sentido, da constituição de uma especialização jornalística profissional (em revista) a partir de um segmento temático ou de público. Tais veículos e “seu jornalismo”, vale dizer, são filhos das publicações que já habitavam o histórico nicho das revistas femininas e também descendem das grandes revistas semanais de notícia e do tipo de jornalismo que estas inauguraram na década de 1920. Mas sua mudança editorial a partir dos anos 1950 liga-se a um novo contexto institucional/empresarial, como descrito acima.

³ Como afirma França (1998), o jornalismo é, ele mesmo, uma prática especializada.

⁴ Tuñon (1993) ainda diz que os novos meios fizeram com que os “pressupostos teóricos e práticos do jornalismo especializado” se modificassem, somando às funções clássicas do jornalismo – informar, formar e entreter – uma outra: a de servir.

Pilar Diezhandino Nieto (1988) também relembra que o início profissional do jornalismo especializado, no que se refere à sua presença nos meios jornalísticos, é comumente datado do período de crescimento dos meios audiovisuais, tornando-se prática e ferramenta – da imprensa – para lidar com os impactos informativos e estéticos causados pela penetração da televisão na sociedade. É verdade, como diz a autora, que a especialização de conteúdos é um processo que acompanha a imprensa em seu próprio avanço histórico. No entanto, do ponto de uma prática jornalística, de um método de trabalho, é na segunda metade do século XX que a tendência a especialização jornalística passa a criar raízes⁵.

É nessa época que as grandes empresas de comunicação saem em busca de satisfazer a crescente demanda do público por uma cobertura mais completa, a fim de explorar outros lados dos acontecimentos ou lidar de maneira informativa e profissional com temas complexos da sociedade, sem que para isso fosse necessária a vulgarização dos mesmos. “Naturalmente, no se trata sólo, pese a su importancia, de elevar el nivel de las audiencias [...], sino también de un planteamiento empresarial de consumo acorde con los tiempos que exigen ofertas diferenciadas para públicos que buscan avidamente la diferencia (DIEZHANDINO NIETO, 1988: 171 – 172)”. O que é retomado por Juarez Bahia (2009: 236):

O jornalismo especializado consolida a sua eficiência na sociedade industrial com a multiplicidade de oportunidades de negócios e a reorganização do trabalho ao privilegiar qualidade, racionalidade e produtividade. A variedade de mercados e de padrões seletivos para simples bens de consumo ou para sofisticadas mercadorias culturais leva a notícia ao mesmo tipo de exploração que realizam outros campos da ação humana.

Em seu livro *Modelos de Comunicación Científica para una Información Periodística Especializada*, Javier Fernández del Moral (1983) dizia sobre o surgimento dessa prática jornalística, como uma necessidade histórica, social e midiática. Seu contexto de aparição estava ligado não somente à crise da imprensa, mas também ao atendimento de uma demanda de divulgação científica na sociedade (relacionada ao avanço da ciência), a segmentação cada vez maior dos públicos e sua capacidade de

⁵ Fontcuberta (1993) também faz menção a essa conjuntura histórica, mas diz, ao final, que a especialização será menos profissional, de meios ou de públicos, do que de conteúdos. “Una vez más hay que repetir que no son los medios los que especializan sino los contenidos. En todo caso los nuevos medios facilitan la difusión de los contenidos especializados, aunque, hoy por hoy, es la prensa la que ha llevado más lejos la tendencia a la especialización” (FONTCUBERTA, 1993: 53).

consumo (informativa e mercadológica) e também a novas exigências relativas à competência dos jornalistas. Como afirma Juarez Bahia (2009: 237), nos anos 1960, os cientistas deixam que o interesse do público “penetre em seus laboratórios, pois reconhecem que a ciência passou a se integrar na existência política, econômica e cultural do mundo”. O jornalismo, nesse sentido, passa a se situar entre a ciência e o público para explicar “o que os indivíduos, no seu renovado interesse de compreender o universo, desejam saber não só sobre pesquisas, mas também programas, equipamentos e investimentos que precedem a conquista do espaço cósmico” (BAHIA, 2009: 237). Ou ainda, como acrescenta Mário Erbolato (2002) a partir de Fraser Bond:

A necessidade de interpretar e explicar as notícias é manifesta. A vida tornou-se tão complicada e variada, nas múltiplas atividades, que mesmo os especialistas se desorientam em seus próprios campos de conhecimento. O homem mortal comum, perdido no labirinto da economia, da ciência e das invenções, pede que alguém lhe dê a mão e o acompanhe em seus passos, através de tanta complexidade. Por isso, o jornalismo moderno se encarrega não só de noticiar os fatos e as teorias, mas proporciona ainda ao leitor uma explicação sobre eles, interpretando e mostrando seus antecedentes e perspectivas. Tudo isso com o propósito de ajudar o homem a compreender melhor o significado do que lê e ouve (ERBOLATO, 2002: 32-33).

Apesar de termos nas colocações acima o foco na notícia, sendo possível, pois, pensar a diversidade do jornalismo especializado para além desta, é esse ambiente descrito e configurado no jogo mídia e sociedade que permite, em suma, um novo tipo de jornalismo: “el periodismo especializado, apoyado en géneros explicativos, o también llamado al principio en profundidad, haciendo referencia a los primeros reportajes sobre temas a que se trataba de agotar de forma condensada y ágil” (FERNÁNDEZ DEL MORAL, 1983: 131). Ou, como complementa Casasús (1991: 35): é preciso que mais que uma descrição dos acontecimentos do dia, “se desarrolle un periodismo científico de amena precisión, un periodismo social de evaluación y una prosa de consumo rica e investigativa”.

Na visão de Fernández Del Moral (1983), onde se encontram, de certa forma, as questões da tematização e da audiência, sempre do ponto de vista de uma “melhor elaboração da comunicação científica”⁶ com base no modelo por ele constituído⁷, aparece uma questão importante e cara à evolução do jornalismo especializado: a

⁶ Essa ideia de uma “melhor apresentação dos conteúdos” está no pano de fundo de muitas formulações sobre o que “faz” o jornalismo especializado (ALCOBA, 1988).

⁷ O trabalho de Fernández del Moral (1983), vale dizer, ainda apoia-se num modelo mais linear de comunicação, inspirado naquele proposto pela Teoria da Informação de Claude Shannon e Warren Weaver.

informação jornalística. Como aponta o professor Pedro Orive, no prólogo do livro, Fernández del Moral (1983), trabalha com o binômio especialização e informação, pensando como a operatividade da primeira influencia a segunda. O que, anos mais tarde, é retomado por Esteve Ramírez (2010: 9):

En este caso se precisa, por tanto, de la labor de un periodista especializado que haga de interlocutor entre los expertos y los no expertos. Se trata, por tanto, de una tarea periodística convirtiéndose así la información especializada en una información “periodística” especializada.

Assim, o campo da informação especializada, como acrescenta Bahia (2009: 249), age como base das mais diversas correntes de opinião e realização humana. “Sob o seu guarda-chuva se abrigam todos os portadores de mensagens selecionadas, sejam políticas, religiosas, literárias, científicas, artísticas, econômicas ou esportivas que se excluem do caráter de comunicados gerais”.

Amparo Tuñon (2000), nessa toada propositiva, fixa nove objetivos do jornalismo especializado: 1) ampliar o conceito de atualidade jornalística (tornando fatos, ideias e serviços antes “esquecidos” como objetos de comunicação jornalística); 2) servir como instrumento de mediação e intercâmbio entre os especialistas e as audiências; 3) aprofundar a explicação de fenômenos atuais e novos, tal qual exigem as aceleradas mudanças sociais, políticas etc.; 4) aumentar a credibilidade dos meios e dos profissionais; 5) melhorar a qualidade da informação jornalística (cuja finalidade é a comunicação sobre o mais significativo da “realidade social”, tanto coletiva como individual); 6) promover o interesse jornalístico como forma de acrescentar a curiosidade pelo conhecimento; 7) possibilitar o aumento de conhecimentos sobre a complexidade crescente do mundo; 8) ampliar e democratizar a cultura; 9) substituir, na medida do possível, a figura do colaborador especialista à do jornalista especializado.

As propostas apontadas por Tuñon (2000), mais que determinarem a prática da especialização no jornalismo, de certa forma, formalizam o caráter normativo que as teorias sobre o campo, na tentativa de tomar o jornalismo especializado como objeto, possuem. No entanto, casando tal normatividade (que tem por universo a prática) a uma busca pela definição do jornalismo especializado, é que temos a formulação de conceitos sobre o mesmo, de onde, de alguma forma, algumas questões epistemológicas aparecem e permitem pensar sua problematização.

É nesse sentido que, ao lidar com áreas informativas e grandes blocos de conteúdo (expressão espanhola que se refere ao conjunto de certas sub-áreas a partir de enfoques específicos, como política, por exemplo)⁸, a proposta de Fernández Del Moral (1983) complexifica um ponto de vista ao pensamento histórico sobre o jornalismo especializado, acrescentando à visada de sua concepção como prática jornalística, uma ideia sobre um tipo de informação que passa a ser produzida: a “Informação Periodística Especializada”. E da ideia de uma “informação jornalística especializada” é que podemos alcançar um âmbito mais conceitual dessa discussão.

Os estudos sobre o jornalismo especializado entre a normatização e a configuração de um campo

Na Espanha, desde a década de 1970, o jornalismo especializado, como atividade acadêmica, vem ocupando um lugar de destaque na formação dos estudantes de Periodismo (FERNÁNDEZ DEL MORAL, 2004). E a partir da década de 1980⁹, ganha relevância “como objeto de estudo e como uma área científica dentro da chamada Periodística e das Ciências de la Comunicación” (TAVARES, 2009: 2). Como afirmam Fernández Sanz, Rueda Laffond e Sanz Establés (2002), a presença da “especialização” no âmbito acadêmico espanhol acompanhou a estratificação da sociedade e do mercado de trabalho, atendendo uma demanda informativa diferente, processo iniciado na segunda metade do século XX.

La creciente relevancia adquirida por el periodismo especializado se constata también, no podía ser de otra manera, en el ámbito académico e investigador. Tras las aproximaciones pioneras de Pedro Orive, Concha Fagoaga y Pilar Diezhandino, tan sólo en los últimos años se han publicado aportaciones tan fundamentales como las de Montserrat Quesada, Francisco Esteve y Javier Fernández del Moral, además de una amplia relación de análisis parciales o sectoriales. Todos estos trabajos han fundamentado las bases teóricas y metodológicas de este ámbito de estudio específico, además de destacar la potencial incidencia de la especialización en la formulación de un nuevo

⁸ Em outro texto Fernández del Moral e Esteve Ramírez (1999: 16) explicam os “bloques informativos”: “son aquellas agrupaciones de información relacionadas con una determinada área de especialización”. Seria o caso, por exemplo, da informação financeira dentro da área de interesse “Economía”. Os autores fazem menção às classificações tradicionais das “áreas de interesse do jornalismo especializado”, comumente apontadas entre: política, economia, ciência e tecnologia, cultura, esportes e sociedade. É daí, segundo eles, que tipos de jornalismo apareceram, como o “jornalismo cívico” e o “jornalismo social”.

⁹ Rafael Llano (2008) afirma que no contexto das práticas jornalísticas, o período entre os anos 1970 e 1980 é o de consolidação do jornalismo especializado, quando “las competencias profesionales de buena relación con las fuentes, dominios de contextos y disposición de fuentes documentales y archivísticas” (LLANO, 2008: 79) são fundamentais para a produção de notícias eminentemente explicativas.

periodismo (FERNÁNDEZ SANZ; RUEDA LAFOOND; SANZ ESTABLÉS, 2002: 11).

Nesse sentido, como apontado em Tavares (2009)¹⁰, este país encontra-se hoje, comparativamente a outros países, numa posição de consolidação em relação às reflexões teóricas sobre o jornalismo especializado¹¹.

Como campo de estudos da “Periodística Espanhola”, a especialização jornalística é comumente vinculada ao conceito de IPE (“Información Periodística Especializada”)¹², cujas bases históricas estão desenvolvidas conceitualmente segundo a ideia de um jornalismo no qual os conteúdos informativos não corresponderiam a características nem de generalismo, nem de superficialidade¹³.

[...] la Información Periodística Especializada (IPE) nace justamente para hacer frente a la especialización en el conocimiento. No se trata por tanto de ofrecer una disciplina específica sobre la especialización en información, cosa a todas luces absurda, como absurdo sería plantear disciplinas de medicina especializada, de derecho especializado o de economía especializada. Se trata, por el contrario, de hacer posible al periodismo su penetración en el mundo de la especialización, no para formar parte de ese mundo, no para convertir nuestros profesionales en falsos especialistas, no para obligar al periodismo a parcelarse, a subdividirse, a compartimentarse, sino al contrario: para hacer de cada especialidad algo comunicable, objeto de información periodística, susceptible de codificación para mensajes universales (FERNÁNDEZ DEL MORAL; ESTEVE RAMÍREZ, 1996: 11).

Na verdade, como aponta Muñoz-Torres (1997) a “informação jornalística especializada” teria um caráter bipolar: ela tanto está orientada para o problema da “incomunicabilidade” com os especialistas (e, por isso, dedicada a “resolver o problema da perda de visão global em uma sociedade) quanto está orientada pela necessidade de

¹⁰ Neste mesmo texto, o autor realiza um breve apanhado sobre o tratamento conceitual do jornalismo especializado no Brasil. Segundo Tavares (2009), no que diz respeito a reflexões sobre o jornalismo especializado como um objeto ele mesmo, estas podem ser consideradas incipientes. Algumas poucas publicações sobre o assunto (a maioria ainda de cunho mais “manualista” e menos teórico e/ou epistemológico), bem como poucos cursos, disciplinas e/ou seminários voltados para o tema em seu sentido conceitual e epistemológico, caracterizariam esse cenário.

¹¹ Uma das amostras dessa consolidação são os encontros bianuais do Instituto de Estudios sobre Comunicación Especializada (IECE), fundado em 1990 e cujas publicações baseadas nesses eventos trazem, além de uma coletânea de pesquisas, textos com reflexões sobre o “estado da arte” da disciplina na Espanha. Ver, entre outros: Esteve Ramírez (1997); Fernández Sanz, Rueda Laffond, Sanz Establés (2002); Sanz Establés, Sotelo González, Rubio Moraga (2004, 2006, 2009); Esteve Ramírez, Moncholi (2007).

¹² Muñoz-Torres (1997: 29) propõe: “Finalmente, sobre el uso de las distintas denominaciones posibles de la materia, propongo la adopción, en lo sucesivo, del siguiente criterio terminológico: usar la expresión ‘Periodismo Especializado’ para referirse al ejercicio profesional del periodista que informa sobre una determinada área del conocimiento humano; en cambio, el descriptor ‘Información Periodística Especializada’ podría quedar reservado para denominar la disciplina académica que versa acerca de las cuestiones implicadas en tal ejercicio”.

¹³ Ver: Berganza Conde (2005); Fernández del Moral e Esteve Ramírez (1996); Quesada Pérez (1998).

atender a divulgação de certos conteúdos de maneira jornalística. A IPE, para Muñoz-Torrez (1997: 40-41), baseado nos preceitos de Fernández del Moral, seria a “disciplina que estudia la producción de mensajes informativos que divulgan las distintas especialidades del saber humano, de manera comprensible e interesante, al mayor número posible de personas, con el efecto de dotar sentido a la realidad, a través de los medios de comunicación”.

Em texto recente, Esteve Ramírez (2010) ainda aponta outra definição:

El periodismo especializado también suele denominarse como “periodismo en profundidad” o “periodismo de segundo nivel”, ya que no se conforma con una simple narración de los hechos – o periodismo de primer nivel – sino que intenta buscar las raíces o causas de esa información, así como también analizar sus posibles consecuencias (ESTEVE RAMÍREZ, 2010: 9).

No jornalismo especializado, pode-se dizer, propõe-se sempre uma junção, independentemente do meio e do conteúdo, entre a necessidade de um processo de leitura distinto sobre o mundo e a adequação de termos e lógicas a uma linguagem acessível como parâmetros para se pensar essa prática jornalística. Por isso, outro aspecto muito considerado pelos estudiosos da área diz respeito aos métodos que seriam próprios dessa área científica. Com destaque, no caso, para uma primeira metodologia, a profissional¹⁴.

Nesse sentido, se olhada do ponto de vista das práticas jornalísticas, menos que uma questão de conteúdos ou de audiências, a especialização é vista – por “suas” teorias – como ligada a uma nova metodologia do trabalho jornalístico, fundadora de novos produtos (no sentido de notícias e textos). Na valorização de uma metodologia como ponto de partida para pensar o jornalismo especializado – e relembrando que aí se encontra um tratamento específico da informação – um questão importante passa a ser considerada: “es posible hallar textos de Periodismo Especializado en prensa de información general y textos generalistas en medios especializados. Esta manera de trabajar no viene marcada por el soporte, sino por los métodos de producción informativos y el resultado final” (BERGANZA CONDE, 2005: 88).

Fontcuberta (1997) também chama a atenção para o aspecto da coerência textual, dizendo que para existir áreas de informação jornalística especializada é

¹⁴ Quesada Pérez (1998, 2004) afirma que a diferença entre o jornalista especializado e o jornalista generalista se concentram nos seguintes aspectos: sua formação acadêmico-profissional, a atitude que adota em relação à informação, a relação que estabelece com a fonte, a metodologia de trabalho adotada e os objetivos que a cercam (a autora defende a aproximação do jornalismo especializado ao jornalismo de investigação).

necessário: uma coerência temática e um tratamento específico da informação, de acordo com o segmento da audiência a que se busca atingir; o que implica a adoção de códigos comuns, uma construção racionalizada de textos em relação aos temas, a busca por fontes de informação específicas e um jornalista que saiba sistematizar a informação e contextualizá-la¹⁵.

Muñoz-Torres (1997) refuta a questão textual como critério para pensar a especialização e propõe uma retomada aos conteúdos¹⁶. Para o autor, os critérios formais ou de caráter modal (periodicidade do meio informativo, tendência ao sensacionalismo, suporte tecnológico de mensagens, estilo de textos) não são suficientes para permitir uma classificação de maneira homogênea em relação aos distintos saberes humanos. Diz o autor: “este criterio al ámbito de los contenidos periodísticos especializados, se podrá establecer relaciones de pertinencia entre estos y distintos ámbitos del saber humano, constituidos como tales en función de sus respectivos objetos material y formal” (MUÑOZ-TORRES, 1997: 36). Além disso, diz o autor, o jornalista especializado deve somar à pertinência temática, um critério que diz respeito à relevância social de certos tópicos, considerando esta na escolha de suas pautas e no tratamento das mesmas.

Pensar o texto como lugar de emergência de um objeto (de referência e de estudo) para o jornalismo especializado diz respeito, na verdade, a uma questão de fundo, que permanece na “necessidade básica” deste jornalismo: a de intermediar tematicamente saberes expertos de uma maneira acessível ao público, buscando não apenas transmiti-los, mas também explicá-los (como normatiza a teoria). O que nos ajuda a refletir sobre como isso é feito e sobre quais significados, lacunas e contradições podem emergir deste processo, quando pensado teoricamente.

É verdade que o foco no texto (e suas temáticas) abre uma perspectiva “melhor resolvida” em relação a uma linguagem, um estilo e, conseqüentemente, a um contrato com um certo público leitor. “Discursivamente”, portanto, tal questão estaria estabelecida. No entanto, e na perspectiva mais direcionada, tal ótica coloca em xeque outras questões como: o papel do suporte na configuração dessa produção textual, a relação do texto com a imagem, os sentidos do texto na relação com questões editoriais, a especialização pelos conteúdos etc. Tudo isso, aparecendo como pontos de origem

¹⁵ “[...] podemos señalar que la especialización también posee fundamentos lingüísticos” (ATALA, 2005: 5).

¹⁶ Para o autor, “el criterio fundante último de una tipología de textos periodísticos especializados es el objeto o tema acerca del que versan” (MUÑOZ-TORRES, 1997, p. 36).

para reflexões que caminhem, também de maneira relacional (MARCHETTI, 2002), mas para além da questão dos campos, no sentido de um aprofundamento epistemológico e menos normativo do jornalismo especializado. Algo que diz respeito, portanto, às problematizações que cabem e que devem emergir de olhares sobre as manifestações empíricas¹⁷ deste e, conceitualmente, para limites que encontramos em “suas” teorias. É sobre este último aspecto que buscaremos, a seguir, discutir e avançar.

Das possibilidades da teoria: disciplinarização, conhecimento e singularidade

Como lembra Juan Ramón Muñoz-Torres (1997), a informação jornalística especializada se propõe a facilitar a comunicação entre os especialistas de diversos âmbitos do conhecimento, não apenas mediando saberes à sociedade, mas permitindo a essa tirar proveito dos “avanços da ciência”. Algo que, aliado a preceitos como a objetividade e credibilidade jornalísticas, dota tal conhecimento, ao mesmo tempo, de um caráter específico, dotado de certas verdades e, por isso, sendo tomado, muitas vezes, de maneira profilática e não apenas informativa.

Uma característica que, como aponta o professor Esteve Ramírez (1999) marca o seu “lugar” como disciplina, direcionando e formatando seus objetos de estudo, assim como construindo seu próprio paradoxo epistemológico: o Jornalismo Especializado é “una disciplina especializada en unificar las distintas especializaciones” (1999: 9).

Nesse âmbito, uma discussão muito presente na disciplinarização do jornalismo especializado é a da relação do jornalismo com o conhecimento, o que abrange duas esferas: uma que é a da função jornalística frente aos diversos saberes sociais e outra que diz respeito à formulação e existência de um conhecimento jornalístico próprio (o jornalismo como uma forma de conhecimento) e, nesse caso, especializado.

Fernández del Moral e Esteve Ramírez (1999) apontam para a intervenção do jornalismo numa sociedade onde os conhecimentos tornaram-se cada vez mais permeáveis e fragmentados, graças ao desenvolvimento das ciências e da ampliação tecnológica (inclusive dos meios), chamando a atenção, no caso da “imprensa

¹⁷ Hoje, no contexto brasileiro, por exemplo, em oposição a um primeiro momento mais “manualista” (décadas de 1970 e 1980), é possível observar uma série de reflexões sobre as manifestações empíricas do jornalismo especializado. São crescentes e relevantes uma gama de pesquisas e publicações sobre os “jornalismos temáticos” e sobre suas ditas especializações tecnológicas (televisiva, radiofônica, telemática, etc). Ambas cercadas de boas problematizações. Uma rápida olhada pelos trabalhos apresentados nos principais Anais (textos e suas respectivas bibliografias) dos eventos científicos de nossa área dá mostras desse patrimônio e da qualidade de sua discussão, reflexo do alto nível da qualidade da pesquisa em Comunicação no Brasil e do vigor de nosso campo profissional. Algo que pode, portanto, direcionar outras reflexões sobre o estado da arte dos estudos em jornalismo especializado.

especializada” para uma atenção não só à “informação pontual”, mas, e principalmente, à construção dos sentidos. Os autores tensionam o jornalismo especializado – como objeto – à Sociologia do Conhecimento, a fim de compreender sua ação informativa em resposta à necessidade contemporânea de conexão e divulgação entre os saberes. Nesse sentido, a especialização jornalística representaria o “término medio entre el elitismo y la vulgarización del conocimiento” (FERNÁNDEZ DEL MORAL; ESTEVE RAMÍREZ, 1999:12).

A mesma perspectiva é lembrada por Josep Maria Sanmartí (2003), ao afirmar que o jornalismo especializado atua na construção de umnexo entre o conhecimento e a sociedade, contribuindo para a superação da fragmentação do primeiro nos dias atuais. Uma superação que não aponta para o desaparecimento do saber fragmentado, mas para tornar comunicáveis as diversas parcelas do saber na sociedade da informação. Como complementa Esteve Ramírez (2010:8), ao jornalista especializado, corresponderia a função de ser um intermediário entre os especialistas nas distintas áreas do conhecimento e os receptores dos meios de comunicação, “adaptando los conceptos técnicos y especializados e un lenguaje periodístico que haga posible la comprensión de los mismos a los receptores no especializados”.

Os autores anteriormente revisados, bem como as reflexões acima sobre a relação do jornalismo especializado com o conhecimento esbarram em um limite. Especificamente no âmbito espanhol, se observadas as distintas datas das publicações e citações aqui trazidas – desde a primeira, de 1974, presente no início deste texto até a última, no parágrafo anterior, de 2010 – e as proposições nelas propostas, pode-se afirmar que, apesar da consolidação dos estudos neste país e de sua pertinência, há uma espécie de redundância. As proposições parecem repetir-se e, por isso, acabam por insistir em certas afirmações e contextualizações. Além disso, mesmo que existam tentativas de formular uma “teoria do jornalismo especializado”, aproximando-a a outras grandes correntes – caso da proposição de Fernández Del Moral e Esteve Ramírez (1996) em relação à Teoria dos Sistemas e à Sociologia do Conhecimento (1999) –, no que diz respeito a uma definição para este tipo de jornalismo e no tensionamento de seus pormenores e eixos teóricos, algumas lacunas epistemológicas prevalecem, indicando a necessidade de se repensar certas problematizações.

Colocando-se em cena, por exemplo, a questão do conhecimento como um elemento importante para pensarmos o jornalismo especializado para além de suas definições, vale tensionarmos às teorias desse “campo” outras teorias que já constituem

o próprio campo jornalístico em geral. Nesse sentido, nas teorias do jornalismo e na discussão sobre o assunto (o conhecimento), destaca-se uma construção importante: o jornalismo atua na articulação de uma tessitura entre a informação cotidiana e a científica, alcançando, por uma construção jornalística, a realidade social. E o conhecimento singular por ele formado permite pensar como as operações que o configuram encontram-se no eixo de uma rede de tensionamentos, ganhando especificidades de acordo com o tipo de jornalismo e meio de comunicação em foco, bem como seus referentes (GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1997).

O jornalismo como conhecimento singular considera, conceitualmente, como refletem Pontes e Karam (2009) ao discutirem sobre a “teoria” de Aldemo Genro Filho, “a tessitura do texto jornalístico (o modo de narrar), uma teleologia da prática jornalística (a busca constante pelo novo) e uma potencialidade ética inerente a essa prática (o de ser motriz das discussões da sociedade)” (PONTES; KARAM, 2009: 148). A proposição de Genro Filho (1987) fala do singular na relação com as categorias de singularidade, particularidade e universalidade propostas e debatidas historicamente pela Filosofia¹⁸. E como afirmam Pontes e Karam (2009: 148), o debate específico sobre tais categorias traz em seu bojo as histórias e os debates do conhecimento, da razão, da dialética e da retórica. “Todos os conceitos decorrentes dessas tradições filosóficas são colocados por Genro Filho [...] em confronto com categorias jornalísticas que ainda estão em formação teórica tais como fato, notícia, reportagem, jornalista e jornalismo” (PONTES; KARAM, 2009: 148, grifos dos autores).

Dos dois movimentos acima descritos e correlacionados: 1) o jornalismo como conhecimento e 2) o jornalismo como conhecimento singular, pode-se apreender que cabe ao jornalismo reconhecer no presente o que é singular e, por isso, notável, adequando-o, jornalisticamente, a uma lógica singular de captura e de relato. No “ideal teórico-jornalístico” proposto por Genro Filho (1987), um fato singular é enquadrado numa lógica singular e, por isso, gera um conhecimento, também, singular.

Fernández del Moral e Esteve Ramírez (1996) aproximam o conceito de singularidade ao jornalismo especializado, tratando-o sobre o ponto de vista da especificidade jornalística na produção do conhecimento na sociedade, na mediação de saberes. Caberia, nesse sentido, aos meios de comunicação periódicos especializados,

¹⁸ “Assim como Lukacs faz com a categoria particularidade na arte, Genro Filho acredita que a singularidade é o momento que sintetiza e supera a particularidade e a universalidade no ato de produção de um conhecimento jornalístico” (PONTES; KARAM, 2009: 148, grifos dos autores).

permitir o acesso concomitante ao “conhecimento vulgar” e ao “conhecimento científico”, estabelecendo uma certa situação intermediária entre os dois tipos de saberes. Tomando o Jornalismo Especializado não apenas como prática, mas também como disciplina, os autores afirmam que caberia a “este ramo do saber jornalístico” a realização de um “travase entre ambos conocimientos permeabilizando más a los expertos con la sociedad y ésta con aquellos a través de los medios de comunicación” (FERNÁNDEZ DEL MORAL; ESTEVE RAMÍREZ, 1996: 28).

Se cruzarmos as reflexões dos autores espanhóis com aquelas de inspiração filosófica discutidas em Pontes e Karam (2009), Medistch (1997) e Genro Filho (1987), o pensamento sobre o jornalismo especializado parece, em algum momento, nos levar a uma confusão entre “especialização” e “singularidade”. Assim como parece atribuir ao jornalismo especializado a especificidade que já se apresenta em “qualquer” jornalismo. A especialização, é verdade, fará com que o conhecimento produzido por um meio de comunicação especializado seja singular e tenha sua especificidade. Mas, antes disso, tal singularidade deve ser pensada como jornalística e, portanto, como algo que ultrapassa uma especialização.

Nesse sentido, ficam algumas perguntas: qual a singularidade do jornalismo especializado como campo do saber e prática profissional? Como tal singularidade afeta o “papel” do jornalismo especializado na sociedade e tensiona as definições conceituais que o norteiam?

As respostas para tais questões poderiam, de maneira rápida, serem buscadas na problematização das expressões concretas deste jornalismo e dos elementos que marcam seu diferencial no confronto com sua definição “apenas” conceitual. No entanto, se manejamos tais perguntas a partir de um viés epistemológico, é no cruzamento dos conceitos e de suas construções que alguns aspectos podem ser destacados de maneira afirmativa e também propositiva¹⁹.

Do ponto de vista de uma disciplina – que parta do pressuposto de um jornalismo como conhecimento singular tal qual acima exposto –, necessita-se, pois, relacionar ao seu objeto uma ideia de especialização que ultrapasse o “como deve ser”, no sentido de uma normatização para uma prática. Seu “postulado”, mais que definir o que seria um jornalismo especializado – neste caso – deveria, na relação com a esfera do fazer, tendo este como objeto do conhecimento e empiria, vislumbrar teoricamente o

¹⁹ Neste texto, apenas iniciamos esse debate.

universal e o particular que habitam o universo especializado em questão. Para isso, deveria buscar, na relação prática e reflexiva com o cotidiano, dimensionar a informação especializada e a metodologia profissional, apontando para a formulação de um conhecimento teórico que tangencie uma atuação cuja definição, no âmbito de um conceito de jornalismo especializado, vá além de um jogo entre saberes a partir de uma mediação jornalística. Algo que, mais que definir, problematize. E que, portanto, estruture categorias que permitam pensar a natureza da especialização e de sua concretude²⁰. Movimento que diz de um outro jogo: aquele entre o conhecimento que esta constrói na e para a sociedade e o conhecimento que ela, epistemologicamente, como disciplina, pretende ser.

Referências

ALCOBA, Antonio. **Especialización: futuro del periodismo**. Madrid: Caja de Ahorros y Monte de Piedad, D.L. 1988.

ATALA, Fernando Gutierrez. Bases conceptuales para considerar (y transformar) al periodismo de investigación una nueva herramienta de especialización informativa. **Estudios de Periodismo y Relaciones Públicas, Comunicación y Política**. Universidad de Viña del Mar, Chile, Año V, n. 5, segundo semestre 2005. Disponível em: <<http://www.uvm.cl/comunicaciones/estudios2005/Ponencia%206%20GUTIERREZ.doc>>. Acesso em: 4 de abril 2008.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo**. v. 2. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BENITO, Angel. **Teoría General de la Información**. Madrid: Guadiana, 1973.

BERGANZA CONDE, María Rosa. **Periodismo Especializado**. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 2005.

CASASÚS, Josep María. **Estilo y géneros periodísticos**. Barcelona: Ariel Comunicación, 1991.

DIEZHANDINO NETO, María Pilar. La especialización en los medios impresos: evolución y perspectivas. In: BEZUNARTEA, Ofa y otros. **La prensa ante el cambio de siglo**. Bilbao: Ediciones Deusto, 1988. p. 169 – 212.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo – redação captação e edição em jornal diário**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2002.

²⁰ Como é o caso das “categorias jornalísticas em formação teórica”, tais como fato, notícia, reportagem, jornalista e jornalismo” (PONTES; KARAM, 2009).

ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. Fundamentos de la especialización periodística. In: CAMACHO MARKINA, Idoia (org.). **La especialización en el periodismo: formarse para informar**. Sevilla/Zamora: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2010. p. 7 – 22.

_____. Introducción. In: ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. **Comunicación Especializada**. Alicante: Ediciones Tucumán, 1999. p. 5 – 12.

_____; FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier. Introducción. In: _____. (org.); _____. (org.). **Áreas de Especialización Periodística**. Madrid: Editorial Fragua, 1999. p. 7 – 18.

_____; MONCHOLI, Miguel Ángel. **Teorías y técnicas del Periodismo Especializado**. Madrid: Editorial Fragua, 2007.

FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier. El Periodismo Especializado: un modelo sistémico para la difusión del conocimiento. In: FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier. (Coord.) **Periodismo Especializado**. Barcelona: Ariel, 2004. p. 17 – 32.

_____. **Modelos de comunicación científica para una información periodística especializada**. Dossat: Madrid, 1983.

_____; ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. **Fundamentos de la Información Periodística Especializada**. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.

FERNÁNDEZ OBREGÓN, Javier. Especialización, futuro del periodismo. **Revista Latina de Comunicación**. 7 de julio de 1998. 12 f.

FERNÁNDEZ SANZ, Juan José; RUEDA LAFFOND, José Carlos; SANZ ESTABLÉS, Carlos. **Prensa y Periodismo Especializado: historia y realidad actual**. Guadalajara: Ayuntamiento de Guadalajara, 2002.

FONTCUBERTA, Mar de. Propuestas sistémicas para el análisis y producción de Información Periodística Especializada. In: ESTEVE RAMÍREZ, Francisco (Coord.). **Estudios sobre Información Periodística Especializada**. Valencia: Fundación Universitaria San Pablo C.E.U., 1997. p. 17 – 24.

FONTCUBERTA, Mar de. **La noticia**. Barcelona: Paidós, 1993.

FRANÇA, Vera. **Jornalismo e Vida Social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

LLANO, Rafael. **La especialización Periodística**. Madrid: Tecnos, 2008. p. 47 – 116.

MARCHETTI, Dominique. **Les sous-champs specialises du journalisme**. Réseaux, Paris, n. 111, p. 22 – 55, 2002/1.

MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. Fundamentos Ideológicos y técnicos de la prensa actual. **Nuestro Tiempo**. n. 169 – 170, Pamplona, p. 68 – 79, jul. 1968.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **BOCC**, set. 1997. 12 f.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

MUÑOZ-TORRES, Juan Ramón. Aproximación al concepto de Información Periodística Especializada. In: ESTEVE RAMÍREZ, Francisco (org.). **Estudios sobre Información Periodística Especializada**. Valencia: Fundación Universitaria San Pablo C.E.U., 1997. p. 25 – 42.

NEVEU, Érik; RIEFFEL, Rémy; RUELLAN Denis. Presentation. **Dix ans après...** Réseaux, Paris, n. 111, p. 9 – 17, 2002/1.

ORIVE, Pedro; FAGOAGA, Concha. **La especialización en el periodismo**. Madrid: Dossat, 1974.

PONTES, Felipe Simão; KARAM, Francisco. J. A Pertinência da Categoria Singularidade de Adelmo Genro Filho para os Estudos Teóricos em Jornalismo. **Estudos em Comunicação**, Covilhã, v. 6, p. 147 – 165, 2009.

QUESADA, Montserrat, Periodismo de Investigación: una metodología para el Periodismo Especializado, In: FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier (Coord.). **Periodismo Especializado**. Barcelona: Ariel, 2004, p. 123 – 144.

_____. **Periodismo Especializado**. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1998.

SANMARTÍ, Josep María. Introducción: Periodismo Especializado, el nexo entre conocimiento y sociedad. In: CARRIÓN, Manuel de Ramón. **10 lecciones de Periodismo Especializado**. Madrid: Editorial Fragua, 2003. p. 7 – 28.

SANZ ESTABLÉS, Carlos; SOTELO GONZÁLEZ, Joaquín; RUBIO MORAGA, Ángel Luis. **Prensa y Periodismo Especializado II**. Guadalajara: Asociación de la Prensa de Guadalajara, 2004.

_____. **Prensa y Periodismo Especializado III**. Guadalajara: Asociación de la Prensa de Guadalajara, 2006.

_____. **Prensa y Periodismo Especializado IV**. Guadalajara: Asociación de la Prensa de Guadalajara, 2009.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SEIJAS CANDELAS, Leopoldo. **Estructura y Fundamentos del Periodismo Especializado**. Madrid: Editorial Universitas, S.A., 2003.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O Jornalismo Especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação** | Communication Studies, v.5, p.115 - 133, 2009.

TUÑON, Amparo. “L'especialització en periodisme: un canvi de paradigma / La especialización en periodismo: un cambio de paradigma”. Análisis. **Quaderns de Comunicació i Cultura**, n. 15, Facultad de Ciencias de la Información de la universidad Autónoma de Barcelona, p. 85 -98, 1993.

TUÑON, Amparo. **Periodismo especializado y cultura de la información**. Universitat i Periodisme. Universitat Autònoma de Barcelona, 2000.